

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
LINGUAGEM NÃO VERBAL:
UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DA SÉRIE FOTOGRÁFICA
ALICE IN WATERLAND DE ELENA KALIS

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

A fotografia é uma imagem física que possui uma qualidade mental, se caracteriza como um signo que estimula a percepção humana. Dessa forma, o presente estudo utiliza como *corpus* a série fotográfica *Alice in Waterland*, de Elena Kalis, no qual será realizada uma análise da linguagem não verbal sob o olhar da Semiótica de Peirce, Santaella e outros estudiosos da mesma linha. A análise teórica está centrada no estudo dos fenômenos que estão sujeitos a aparecer na mente, na qualidade de signo, sob três categorias: primeiridade, secundidade e terceiridade.

Palavras-chave: Semiótica. Fotografia. Linguagem não verbal.

1. *Introdução*

Propõe-se analisar nesse trabalho a série fotográfica *Alice in Waterland* da artista russa Elena Kalis. A teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, utilizada como método de análise, demonstra a fotografia como uma qualidade mental, por isso de se analisar a série sob as três categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade.

A escolha dessa ciência denominada semiótica foi devido ao fato da mesma ter por objetivo estudar todas as linguagens possíveis, contudo o seu campo não é de um todo abrangente, o que estuda nos fenômenos e sua constituição enquanto linguagem. (SANTAELLA, 2012, p. 10)

Dessa forma, o trabalho tem por objetivo geral analisar a série fotográfica da artista Elena Kalis, intitulada *Alice in Waterland*, e os objetivos específicos são: a) estudar a fotografia como uma linguagem; b) analisar as fotografias a partir das categorias dos signos correspondentes; c) demonstrar a relação entre a série e as obras de Lewis Carroll.

Para tanto o artigo foi dividido em quatro tópicos, sendo que no primeiro foi realizada uma resenha sobre a teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, o segundo uma exposição sobre a fotografia dentro dessa

mesma teoria, no terceiro apresentou um pequeno resumo das obras de Lewis Carroll para analisar, no quarto tópico, a série fotográfica.

2. A semiótica

No que concerne o estudo da fotografia, enquanto linguagem não verbal atenta-se a explicação de Lucia Santaella (2012, p. 13) que “o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências da linguagem”, as ciências que ela se refere é a linguística, ciência que toma como objeto de estudo a linguagem verbal: a língua; e a outra é a semiótica, ciência que estuda todo fenômeno de linguagem.

O período de pós-revolução industrial trouxe ao mundo máquinas capazes de criar e difundir linguagens, nesse sentido, estamos nos referindo ao cinema, fotografia, televisão, enfim, refere-se ao nascimento dos meios de comunicação. Esses meios de comunicação estão presentes em nossa vida, dentro de nossa casa quando com apenas um apertado de botão registramos um momento ou começamos a assistir alguma narrativa cinematográfica. Esse é o fenômeno da comunicação, e a respeito disso Lucia Santaella (2012, p. 18) explica “que estes só comunicam porque se estruturam como linguagem”, em outras palavras o ensaio fotográfico ou um filme, dentro da teoria da comunicação são linguagens que transmitem códigos de informação para aqueles que estão a apreciá-los.

Ainda nesse sentido da comunicação dessas linguagens, Lucia Santaella explica que:

Iremos, contudo, mais além: de todas as aparências sensíveis, o homem – na sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos – desvela significações. É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração de sinais (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em signos ou linguagens (produtos da consciência). (SANTAELLA, 2012, p. 18)

Essas significações implicam na operação concomitante entre a fonte e a recepção dessa linguagem para se codificar uma mensagem. Nesse sentido a autora Irene Machado (2010, p. 280) também explica que nesse processo de operação de significações está relacionada com “a variedade de códigos que entram em ação no processo de recodificação”, trata-se do processo de semiose que engloba essas interações entre os códigos.

Como supracitado a semiótica aqui utilizada como método de análise é a de Charles Sanders Peirce, a ciência geral dos signos também

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

nomeada de lógica pelo próprio teórico. Dentro dessa corrente um signo para uma pessoa ou comunidade não é o mesmo para outros, ele acontece mediante ao contexto. A respeito disso, Irene Machado (2010, p. 281) afirma que

semiótica, segundo Peirce, é doutrina da natureza essencial e das variedades fundamentais da semiose, isto é, da cadeia produtiva da construção de sentidos. Sua base fundadora não é palavra, mas a lógica que comanda as diferentes operações entre signo, objeto e interpretante, permitindo distinguir variedades de signos sempre a partir de tricotomias!

Observasse que a teoria de Charles Sanders Peirce cria categorias para se aprofundar no sentido do signo. Essas categorias sempre se dividem de três em três que ficam nomeadas de tricotomias.

Dentro da teoria dos signos o que nos interessa para esse estudo são as três categorias de signos correspondentes que são: primeiridade, secundidade e terceiridade. Na primeiridade está o nível do sensível e do qualitativo (COELHO NETTO, 1983, p. 61). O sentido de primeiridade como Lucia Santaella (2012, p. 65-72) explica está na qualidade da consciência imediata, uma qualidade de ser e de sentir, o *in totum*. Tudo o que está presente na mente de alguém no momento presente, essa qualidade é uma impressão (sentimento), é a primeira apreensão que nós temos das coisas.

Sobre a secundidade, Lucia Santaella (2012, p. 72-74) nos explica existe um mundo real, reativo, um mundo sedutor, além do pensamento e, contudo, ao mesmo tempo é pensável, que se caracteriza pela secundidade [...] O que Lucia Santaella nos diz é que a qualidade de sentimento não é sentida como uma resistência a um objeto material. “É puro sentir, antes de ser percebido como existindo num eu”. O sentimento ou impressão que são indivisíveis e sem pares, “qualidade simples e positiva, mero tom de consciência é primeiro”. A secundidade não se confunde com sensação, “pois esta tem duas partes: 1) o sentimento e 2) a força da inércia desse sentimento num sujeito”. Em outras palavras, qualquer relação de dependência entre dois termos é uma relação diádica, isto é, secundidade.

A terceiridade corresponde o pensamento em signos, é ela que aproxima o primeiro do terceiro, em uma camada inteligível na qual se representa e interpreta o mundo. (SANTAELLA, 2012, p. 78)

Em síntese, é o que Matheus Emérito (2010, p. 05) explica que: “primeiridade (coerência), secundidade (reação, conexão) e terceiridade

(interpretação)”. O sentido, significado e significação na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce é o efeito total que o signo produz imediatamente na mente sem a necessidade de uma reflexão prévia. O significado seria o efeito direto produzido pelo signo no interpretante, aquilo que depende do ato da interpretação do intérprete. Dessa forma, a significação é o efeito produzido do signo “sobre o intérprete em condições que permitissem ao signo exercitar seu efeito total”, seria o resultado que todo interpretante deve chegar a partir de uma consideração suficiente que o signo recebe. (COELHO NETTO, 1983, p. 72)

A semiótica de Charles Sanders Peirce apresenta a estrutura necessária para a análise das imagens recolhidas para esse estudo. A partir desse breve exposto parte-se para o que seria a fotografia dentro da semiótica.

3. A fotografia

No estudo da semiótica o campo de estudo da fotografia está relacionada aos estudos da semiótica da imagem (PIRES & CONTANI, 2005, p. 169). A imagem nesse campo de estudo é dividida em dois domínios, o primeiro se refere às representações visuais, sejam elas pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, “o segundo domínio é o imaterial das imagens em nossa mente”. Dessa forma, a fotografia estudada pela ciência cognitiva é tomada como uma qualidade mental, na qual a informação visual se constitui sob forma imagética. (SANTAELLA & NOTH, 1997, p. 15)

A pesquisa da fotografia pela semiótica pode ser realizada por outras correntes da mesma teoria, a escolha pelas formulações de Charles Sanders Peirce pela sua função sgnica e pelas categorias universais expostos no tópico anterior.

Para Charles Sanders Peirce a imagem é a representação de alguma coisa e se caracteriza conforme quem faz a leitura. As fotografias são instrutivas, pois sob certo aspecto, elas representam os objetos como eles são, da forma como elas captam a imagem. Por isso devido ao fato das mesmas corresponder às representações da natureza, elas pertencem a segunda classe dos signos “os que são por conexão física”. (PEIRCE, 1975, p. 118)

Dessa forma, a imagem

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

assume o papel lógico de *representamen* quando coloca um interpretante (o leitor de um jornal, um cientista, um espectador de uma vernissage) em contato com um objeto (paisagem, fato jornalístico, produto de campanha de marketing). (PIRES & CONTANI, 2005, p. 176)

A terminologia *representamen* (ou signo) é aquilo que representa alguma coisa para alguém. O signo cria na mente da pessoa um outro signo equivalente a si mesmo, no caso, esse segundo signo despertado na mente do receptor é designado como interpretante estabelecendo uma relação, que por sua vez é tridádica: objeto, interpretante e *representamen*. (COELHO NETTO, 1980, p. 56)

Então, o leitor desempenha um importante papel, pois é através de sua leitura semiótica que ele evoca o sentido da imagem, seria a qualidade mental despertada pelo sentido da primeiridade. Como Carlos Alberto Mucelin e Luzia Marta Bellini (2013, p. 61) nos explica que a leitura de uma fotografia ocorre a partir de diversos fatores que “determinam a construção da realidade medida por um intérprete, conformando na mente e na imagem mental”.

Após essa breve contextualização sobre a fotografia, se faz necessário explanar sobre a Alice criada pelo escritor Lewis Carroll, para poder analisar as imagens pelas categorias de signos correspondentes.

4. *Alice de Lewis Carroll*

Alice é uma personagem icônica, criada pelo matemático Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll. O autor criou duas narrativas para essa personagem *Alice no país das maravilhas* e *Alice através do espelho*.

Nas narrativas de Lewis Carroll o mágico é sempre evocado, e segundo Larissa Keifer de Sequeira e Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2015, p. 119) dentro dos livros criados por ele, os momentos mágicos vividos por Alice são apresentados durante todo o percurso do conto, “penetrando na vida cotidiana dela e transformando em algo estranho e desconhecido, mas ao mesmo tempo maravilhoso”.

A narrativa da jovem Alice que segue um coelho e vai para um mundo mágico foi uma forte influência para outras artes e através do tempo sua obra transcendeu os limites literários, alguns exemplos a respeito disso são as adaptações cinematográficas, teatrais, jogos digitais e ensaios fotográficos. Para exemplificar melhor essa afirmação da obra

transcender os limites e influenciar outras artes, além da série fotográfica de Elena Kalis inspirada no clássico literário, também se têm as ilustrações de Benjamin Lacombe e as pinturas de Mark Ryden.

Em outras palavras Alice será uma personagem utilizada de forma corrente em outras artes, isso porquê enquanto expectador ainda tiver internalizado a imagem da menina loira que usa o vestido azul outras formas estéticas da arte poderão surgir.

No próximo tópico analisaremos as fotografias das fotografias. Foram escolhidas três fotos do ensaio. Essas imagens são as relacionadas com o primeiro livro *Alice no País das Maravilhas*, visto que as outras imagens dessa série pertencem a *Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*.

5. Análise de Alice in Waterland

Para realizar as análises do próximo tópico demonstraremos alguns trechos do livro *Alice no país das Maravilhas*. Esses trechos foram adaptados para a série fotográfica.

No capítulo 1 – Pela toca do coelho – acompanhamos Alice em uma tarde que enxerga um coelho branco e em sua curiosidade decide seguir o mesmo e acaba caindo no país das maravilhas. O trecho a seguir apresenta esse momento na narrativa: “Caindo, caindo, caindo. A queda não terminaria nunca? ‘Quantos quilômetros será que já caí até agora?’ disse em voz alta. ‘Devo estar chegando perto do centro da Terra’”. (CARROLL, 2009, p. 15)

No capítulo 3 – Uma corrida em comitê e uma história comprida – Após Alice ter chorado muito e ter molhado a si e aos outros personagens um Dodô decide que a melhor forma de todos secar é executando uma corrida em comitê. O trecho a seguir apresenta esse momento: “O que eu ia dizer”, disse o Dodô num ofendido, “é que a melhor coisa para nos secar seria uma corrida em comitê”. (CARROLL, 2009, p. 35)

No capítulo 7 – “Um chá maluco” – nesse capítulo é apresentado o clássico personagem o Chapeleiro. Vejamos: “Em frente à casa havia uma mesa posta sob uma árvore, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá”. (CARROLL, 2009, p. 80)

As fotografias analisadas representam esses três momentos. Nas fotografias a seguir temos as imagens em seu estado contemplativo. A

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

consciência imediata é despertada pela leitura da imagem. O leitor da imagem já possui o conhecimento da existência de uma personagem chamada Alice, seja esse contato feito diretamente com o texto literário ou por alguma adaptação cinematográfica. Esses elementos são a primeiridade.

A secundidade nas fotografias de Elena Kalis estão vinculadas ao universo da experiência. A consciência do sentimento que as imagens despertam no leitor estão a cargo da consciência despertada na primeiridade. É a conexão estabelecida entre a imagem e a leitura realizada.

A terceiridade no ensaio são a interpretação realizada a partir da leitura das fotografias. A mediação dessa categoria está entre o ato causal e o seu efeito. A consciência do processo de leitura não é algo imediato que acontece no processo da primeiridade e nem uma ocorrência de conexão da secundidade, a terceiridade é profunda, é um processo de cognição.



(Fotografia 1: Pela toca do coelho)

Na fotografia 1 o leitor visualiza todos os elementos de quando a Alice cai no país das maravilhas, que no caso é *waterland*. O relógio e a tiara de coelho evocam os elementos do conto de Carroll. A roupa que a menina utiliza também despertam a consciência imediata. A conexão da secundidade se estabelece quando os três elementos: tiara do coelho, relógio e menina de vestido azul completam a cena que o leitor já está familiarizado. Então, a consciência da terceiridade no leitor finaliza o processo de cognição.



(Fotografia 2: Uma corrida em comitê e uma história comprida)

Na fotografia 2, assim como na primeira, o leitor evoca os sentidos. O Dodô aparece na fotografia, assim como no livro, despertando a consciência imediata. E assim como na fotografia 1 a conexão se estabelece a partir da conexão dos elementos. A terceiridade é a consciência desse momento já presenciado no texto literário como também em alguma adaptação cinematográfica.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

Na fotografia 3, a apreensão dos elementos desperta a qualidade do imediato. Assim como nas outras duas fotografias todos os elementos, tais como: a menina de vestido azul, o menino vestido de chapeleiro, os talheres, os pedaços de bolo fazem a conexão, que são a secundidade. As leituras interpretativas de todos esses elementos completam a terceira.



(Fotografia 3: Um chá maluco)

Considerando a organização dos elementos visuais nas fotografias, os mesmos estabelecem um plano no qual as disposições dos objetos completam um sentido para o leitor.

As categorias fenomenológicas, de acordo com Lucia Santaella (2012), propostas por Charles Sanders Peirce demonstram, na série fotográfica analisada, que a primeiridade as sensações percebidas se relacionam com os seus referentes pertencentes internos à mente; na secundidade a consciência reage aos estímulos que possibilitam as sensações referente a realidade externa. Por fim, os fenômenos simbólicos da terceira

dade desperta a interpretação entre a consciência e o que o leitor percebeu através de sua leitura.

6. Considerações finais

A semiótica proporciona os elementos para se estudar as várias formas de linguagens existentes, com a fotografia não seria diferente. A partir das categorias fenomenológicas foi possível compreender como a série fotográfica *Alice in Waterland* desperta os sentidos da primeiridade, secundidade e terceiridade a partir de uma leitura semiótica realizada pelo expectador dessas imagens.

Os dois domínios de estudo das imagens, demonstram que a fotografia, a partir das leituras realizadas dos estudos da Lucia Santaella e Winfried Noth, se caracteriza como uma qualidade mental por serem imagens que representam o ambiente visual.

Dessa forma, a série fotográfica da Elena Kallis se apropriou de elementos já conhecidos para elaborar a disposição dos elementos na água, criando assim uma releitura do clássico já conhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*; através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COELHO NETTO, José Teixeira. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

EMÉRITO, Matheus. *Diálogo entre Barthes, Peirce e Greimas*. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010, Campina Grande. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2010. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1370-1.pdf>

MACHADO, Irene. O ponto de vista semiótico. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz Cláudio; FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. São Paulo: Editora Vozes, 2010. p. 279-309.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MUCELIN, Carlos Alberto; BELLINI, Luzia Marta. *Semiótica, semiose e signo: análise sígnica de uma imagem fotográfica com base em tricotomias de C. S. Peirce*. In: *Kon: Revista de Educação e Complexidade*, n. 1, p. 61-77, jan. 2013. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/20216002-Semiotica-semiose-e-signo-analise-signica-de-uma-imagem-fotografica-com-base-em-tricotomias-de-c-s-peirce.html>>

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. Cultrix: São Paulo, 1975.

PIRES, Jorge Barros; CONTANI, Miguel Luiz. *Imagem física e qualidade mental: a fotografia vista pela semiótica*. In: *discursos fotográficos*, Londrina, v.1, p.167-182, 2005. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1470>>

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____; NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

SEQUEIRA, Larissa Keifer de; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Alice no país dos signos: releitura semiótica*. In: *Revista Temática*, Ano XI, n. 12. Dezembro/2015. P. 117-127. Disponível em:

<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/viewFile/27038/14378>>